

O PORVIR

NASCITUR EXIGUUS, SED OPES ACQUIRIT EUNDO.

periodico Noticioso, Recreativo e Litterario.

Assignaturas por um anno, 90000. Seis mezes, 50000. Numero avulso, 200

O Porvir.

Anno bom.

Comprimntamosos nossos ama-
veis leitores por terem ainda alcan-
cado o anno de 1878, e pedindo ao
Altissimo para que seja todos de
uma completa paz, felicidade e pro-
gresso. Portanto damos-lhes bons
annos e boas festas.

A instrucção.

Dois elementos essenciaes que
compõe a vida e felicidade do
homem : um è o talento e outro
a riqueza, com a differença, por-
rém, que aquelle è companheiro
fidel do homem e esta ás vezes
inimiga.

P. P.

A instrucção é o pão divino que
cabe em partilha á todos os homens
e é nella onde se firma a base de
uma Nação.

Toda a nação em que reina a ins-
trucção, cada dia aperfeicoa-se con-
sideravelmente para o maior gráo
de adiantamento ; e é pelas outras
que caminão mui lentamente, ad-
mirada e respeitada.

O homem instruido encontra
abrigo em toda e qualquer para-
gem : sua vida é lisongeira, docil,
sublime e santa ; emquanto o ho-
mem abrutado, que ignora a so-
ciedade em que vive, o logar em
que nasceu e a historia patria, pa-
rece que a terra se lhe levanta ;
e sua vida é factua, insipida e pes-
sima ; e vem á ser, tarde ou cedo,
malfadada.

O velho, que na mocidade não
dedicou-se aos estudos, ou que pou-
co dedicou-se, mas não aproveitou

do as suas forças intellectuaes, ar-
repende-se certamente, desdiz da
propria vida porque não é digno
della, e falla contra seus pais se de
algum modo cooperarão para o seu
estado de inépcia e completa nulli-
dade.

As vezes acontece dos pais não
se importarem com a bôa educação
de seus filhos, quando mesmo elles
sejão muito intelligentes : neste
caso elles commettem uma falta
gravissima e irremediavel, deixando
um vacuo immenso na vida de
seus filhos. Mas tudo isto deve-se
ao atrazo do paiz, assim como el-
les devem á seus antepassados a ne-
gligencia, se estes estavam em cir-
cumstancias de dar-lhes esse tão
util manancial.

A velhice sente sempre mais que
a mocidade, porque é na velhice
que as idéas se preoccupão mais de
litteratura, pois é quando os diver-
timentos se aniquilão ; é na velhi-
ce justamente a ultima partida do
homem, e por conseguinte, tempo
em que elle mais joga com a posi-
ção e alcance.

Na mocidade tudo passa tran-
quillamente : a razão se acha ain-
da um pouco obscura, e tudo è riso...
tudo è gala... tudo è bello... con-
funde-se o mel com o fel, e vice-ver-
sa, e a vida passa sorrateiramente.

A instrucção é tão necessaria ao
homem, como o alimento ha mi-
tér para a vida de corpo.

Quantas vezes a Grecia foi pou-
pada das mãos dos invasores, e
porque foi ?

— Porque permanecião ainda
alguns philosophos, os quaes fazião
temer o talento, e patriotismo e o
caracter firme : d'a ui se concorre
que uma nação é respeitada, não
pelo numero de seus habitantes,
mas sim pelo numero de homens
eminentes que a compõe.

Quando um mancebo se dedica

á litteratura, pouco são os bons con-
selhos que recebe : para o mal, a
perdição, muitos são os que coad-
juvão.

Os parvos, os necios, os corr-
pitos e os invejosos são o máos
conselheiros : é preciso que um
mancebo que queira conhecer á fun-
do a sociedade, onde está, se con-
gregue com homens serios, sensa-
tos, sabios e virtuosos, para colher
alguns ramos de conhecimentos ú-
teis : è necessario que fuja das máos
reuniões, porque ahi se encontra
todos os espiritos vís : finalmente
è insistér que se abstenha de tudo
quanto èe lhe possa ser prejudicial ;
e ainda á sua familia e á sociedade
moral.

È muito certo o seguinte pro-
verbio : *Qua-um com quem anda se
perde-lhe que m mudois teus.*

Ha homens que por terem gran-
des cabodas despresão a litteratu-
ra : julgão-se elevados ao maior
gráo á que póde attingir a sabedo-
ria ; ufandão-se como grandes se-
nhores da terra ; olhão com menos-
prezo á indigencia. Mas tudo isto
não sabem que é nada, que vindo
os revézes da desdita, tudo fica ter-
minado, a familia abandonada e o
mundo pouco ou nada sente de san-
dades : pelo contrario, um homem
que nascido na pobreza, cultivou a
intelligencia e o espirito, que hu-
mille e compadevido por natureza,
a terra lhe è leve ; a familia la-
menta a perda de seu protector ; o
Estado a de bom cidadão ; e o mun-
do a de seu guia.

Lafrange dizia : — « Se eu ti-
vesse nascido rico, provavelmente
nunca seria mathematico. »

LES. Eis ali a França e Portu-
gal chorando a perda de dous vici-
os imponentes, Talors e Alexan-
da. Heber, etc. Como me chorão
a perda de homens de grandes ca-
bellos ?

Collaboração.

O anno novo.

Depois de uma ausencia de quasi seis mezes, por motivos que me abstenho de dizer, eis-me hoje minhas queridas leitoras, felicitando-as pelo apparecimento do ANNO NOVO, á quem eu saúdo com muita satisfação e á vós todas, velhas, moças feias e bonitas; pois a todas eu desejo boas festas e um bom sortimento daquellas cousas sonantes e cantantes, sem as quaes o homem é um automato, a mulher uma tranca, os filhos grandes aborrecimentos, a vida, um valle de lagrimas, e a sociedade... a sociedade, uma miseria.

Finalmente a minha maior alegria, o meu maior prazer e immutavel desejo é que todas sejam tam felizes como eu almejo ser bem acolhido, apesar da semsaboria com que vol-as estou comprimentando.

Com franqueza: estou quasi arrependido da rascada em que metti-me: tinha-me recolhido aos bastidores, e agora parecia-me de justiça dar uma satisfação da minha ausencia; porém, não desejando lembrar-me do passado para não ter occasião de descompôr o maldito, pestilento e rabujento 1877 de eternas luminarias, faço ponto neste periodo. Felizmente tive o prazer de fazer-lhe o funeral com todas as honras inherentes á tam estapafurdio personagem!

Não se admirem por me verem continuar ainda a mesma oração; porque se fiz, foi sómente para ter o prazer de pespegar-lhe aquelle ponto de admiração que as minhas queridas leitoras far-me-ham o especial obsequio de o não perderem de vista.

Viva o anno novo de 1878, cuja aurora, cheio de esperança, saudei esta manhã!

Viva! viva! tres vezes viva o anno que promete-nos importantissimos melhoramentos na arte de perscrutar os segredos do coração.

Por fallar em coração: este anno deve por força ser abundante em casamentos: não ficará moça ainda a mais pobretona de belleza, que não se faça heroína na arte de seduzir os pobres coitados provincianos, e mesmo filhos do paiz para contrahirem o aliás santo matrimonio.

O casamento é o estado mais bonito, mais agradável e mais pro-

veitoso que ha para a sociedade.

Com o casamento tem o homem a vida mais regrada; deixa de pensar em pagodes e de andar no caminho da perdição, que não só arruinão a saúde, mas também intuição as algibeiras. Já vêm que o anno de 1878 traz uma melhora-mento para a sociedade em geral: até certas velhas sedicças e rabujentas farão seus casamentos em dias de carnaval.

Bravo! muito bem! Nem do carnaval me esqueci, e já que toquei no assumpto, é bom dizer alguma cousa mais harmoniosa com esta especie de divertimento tam applaudido nos paizes onde ha civilização. Com isto não quero dizer que eu proprio seja um incivil, pois é verdade e bem verdade que sou cuyabano e me orgulho de o ser; quando mal não seja, por causa das minhas patricias que, seja dito em familia, excedem em formosura e certos predicados mais á quantas parisienses e andaluzas se tem cantado em prosa e verso por esse mundo sem fim.

Quem diz cuyabana, diz — TYPÓ DE BELLEZA — CORAÇÃO QUE SABE AMAR, e mais doque isso, diz: — FELICIDADE!

Pois é verdade, — SOU FELIZ! Não se offendam porém, as outras minhas patricias do Imperio Sul-americano; pois em geral as brasileiras são formosas; mas, permittão-me que colloque as minhas comprovincianas em lugar distincto.

Propuz-me dizer alguma cousa sobre o carnaval e distrahi-me mais do que pretendia em uma descripção estranha, e como já torna-se necessario terminar, ficará o carnaval para outra vez, pois não quero tornar-me massante, pécha que não me agrada muito; tanto mais que pretendo rehabilitar-me este anno com as minhas queridas leitoras, para ver si desse modo posso alcançar quanto desejo: — a sympathia das bellas cuyabanas a quem cordialmente cumprimenta o assáz conhecido

EURICO.

LITTERATURA.

Fragmento.

*Quam subit mihi illius
tristissima noctis ima-
go.....*

OVIDIO.

Ha nas cidades, em qualquer al-

déa ou povoação, um edificio que asoberba todos os edificios. Nello e na parte mais elevada habita um ente mysterioso. Insensível como todos de sua classe, só elle tem a propriedade de despertar-nos á alegria ou á dor, associando-se nos contente se estamos contentes, e chorando com nosco se estamos tristes. Esse ente é o sino.

Quereis ouvir-o festivo, subi a collina proxima ás 10 horas da noite de 24 de Dezembro, e escutai-o annunciando a missa do Natal. Qual será o mortal que nesse momento não se sentirá tocado da mais doce lembrança — o Nascimento do Salvador do Mundo!

Quereis ouvir-o ainda festivo, ide áquella mesma collina na madrugada da Resurreição. Como é sublime! Quão doces emoções despertata!

Quereis apreciar-o mais particularmente, ouvi-o no baptisado de vosso filho. Aqui elle se ri para vós e para a vossa familia.

Deixemos, porém, todas as scenas de tristeza e de luto, em que também elle figura, e occupemo-nos só de uma em que o da Sé fez o seu papel do modo o mais admiravel, tocando as raias do pathetico e do sublime.

* *

Quem attentar de perto o relógio da Sé, ha de notar que á cada uma de suas pancadas precede um sussurro, semelhante aos movimentos irregulares de um coxo ou galé descendo escada de subterranea prisão. Esses movimentos produzidos pelo apparelho que suspende e faz descer o martello sobre o sino-chefe, têm alguma cousa de semelhante também com os zigue-zagues de uma carga conduzida por duas pessoas. A' esta circumstancia talvez, devemos attribuir o effeito com que terminamos a seguinte veridica narração.

Era uma noite de Setembro de 1867. Mez e meio se contava que o anjo do exterminio andava de porta em porta ferindo os incircumcisos da vaccina; as victimas se contavam aos milhares; já se não ouvia tocar o viatico e dobrar pelos mortos; os cinco campanarios que dominam a cidade, tinham-se emmudecido; tão intensa era a dor, que pareciam supplantados por ella! Honras, riquezas, distincções, tudo estava nivelado! A peste é eminentemente democrata. E o que

mais vimos? As affeições naturaes — que faz que o pai se sacrifique pelo filho, o filho pelo pai, o esposo pela esposa, o irmão pelo irmão.... tinham-se afrouxado.... Immenso era o terror!...

Sobre esse chãos da maior desolação que viu a cidade de Cuyabá, pairava esvoaçando com o seu habito vivificador, o anjo protector da humanidade — a Caridade! Ella, e só ella, é que nos fez testemunhar um facto de nós ainda então ignorado, e eis-o: Em vossos dias de bonança tereis visto um desconhecido parar ao vosso encontro, conceder-vos no seu transito um sorriso; por quem o vosso coração sente-se movido dessa inclinação, a que damos o nome de sympathia, esse não sei que interior que nos leva a corresponder com um sorriso o primeiro sorriso. Naquelles dias luctuosos, ao volver no leito da dôr, attrahido por uma voz estranha, mas affectuosa, o abandonado dos parentes e amigos viu aquelle desconhecido. SE-NHOR! TU SOLUS AL-TISSIMUS!!!

Era, como disse, uma noite de Setembro de 1867.

A cidade estava envolta em um crepe mortuario! O silencio profundo e imponente! Ouvem-se passos ao longe.... E' o zigue-zague de uma rede. Atraz segue-a um individuo que se mostra interessado em determinar-lhes a direcção. Entram pela rua 1.ª de Março Quinze minutos mais, e ouve-se o choque de um corpo pesado sobre a terra.... E' o cadaver de um varioloso; estão no largo da Sé.

Precisam de descansar: assentam sobre a relva, pucham cada um pela sua garrafa, embocam-na e accendem depois os cigarros.

Encostado á esquina, transido pela dôr e já quasi insensivel, está o vulto que os acompanha: é um parente do morto.

Os deus gates pingados, assentados em frente um do outro, tendo tomado um bom trago do desinfectante (condição *sine qua non*) encetam o seguinte dialogo á meia voz, parecendo não querer comprometter o silencio do immenso tumulto a — Cidade!

—E' a 1.ª vez que vou ao Cahe-cahe.

—Tambem eu.

—Se não fóra a amizade que tenho áquelle senhor (apontando

para a esquina) não tomava tal massada.

—Que! Pois é a amizade que te leva ao Cahe-cahe, ou os 30\$000 que recebeste?

—Meu caro, se não fosse a gratidão e a amizade, duvido que houvesse dinheiro que me abalasse agora do meu canto.

—E os 30\$000?

—Ora, isso não vale a pena.

—Então mais obrigado ha de estar a mim aquelle senhor: pois é a primeira vez que o trato, e elle paga-me tanto quanto a ti.

—Lá isso não sei: o que é verdade é que se não fosse a amizade, eu não estaria supportando esta massada. E tu não ignoras que se eu fosse faminto por dinheiro, ter-me-hia, como certos, associado ao Pedro Giorda para....

—Para que?

—Pois não sabes! ? As pessoas abastadas que mesmo nesta quadra não dispensam caixões para os seus parentes mortos, pagam ao Pedro Giorda, por cada um, sem luxo, forrado de panninho preto e guarnecido de cadarço branco de algodão, cem mil reis, quantia esta que elle apura cinco emais vezes em um só caixão; pois os seus agentes, mediante a quantia de dez mil reis, lhe trazem á noite os mesmos caixões, despejando d'elles os corpos, que entregam ás chammas.

—Que barbaridade!! E a policia?

—Que policia, homem! Aqui só Deus.

Dize-me, porque é que chamam Cahe-cahe áquelle lugar?

—Eu te vou dizer: O nosso povo a tudo alcunha..

— Isso é verdade: o meu batalhão e quasi todas as suas praças têm uma alcunha.

— Ha muitos annos e quando os enterramentos eram feitos nas igrejas, tendo-se de dar sepultura á um cadaver, encontrou-se no consistorio do Sacramento na igreja matriz um esqueieto com a mortalha em farrapos, a pelle secca e unida aos ossos. O povo fez seus comentarios; e não sei porque disposição canonica o pobre finado foi mandado tomar ares no campo, deixando a morada ao novo inquilino. Conduziram-no ao tal lugar hoje Cahe-cahe, e foi collocado em pé junto á uma licheira. Lenheiros e diversos transeuntes que possavam pela estrada proxima, começaram

dalli á tempos a contar que d'aquelle lugar, á noite e ás vezes alto dia, um grito se fazia ouvir como que dizendo « Cahe-cahe. » 'Aquellas paragens ninguem mais queria ir; e de então ficou se chamando « Cahe-cahe. »

— Parece que o povo vaticinava a propria desgraça.

— E' verdade: para alli vemos hoje cahir toda a cidade. . . .

Escuta! . . .

— Eim! . . .

— Silencio.

Interpellados como por uma voz d'além-tumulo, que parecia cita-los ao Juizo final, os dous interlocutores levantam-se maquinalmente, sobem a carga, e se encaminham para o... Cahe-cahe.

Era meia noite, e o annunciavam com os seus zigue-zagues, doze fortes, rouquemas, graves e compassadas badaladas — Cami... nha; cami... nha; cami... nha. — Era o relógio da Sé.

VOX POPULI.

POESIA.

A' Deus.

anima,
A creença em ti, meu Deus, consola e faz-nos bem doce o fel das amarguras; A alma nas afficções sorri d'esperança, Do céo sonhando as placidas venturas!

Não vem ao labio as phrases do delirio, Não solta o peito o grito angustiado, Não queima a fronte a d'úvida pungente, Não se ouve horrivel do demonio o brado!

A] morte arrebatou-me o pai querido, Quant), meu Deus, soffri tu bem o viste, Do desespero -a creença em ti salvou-me; Resigne-me, senhor, mas sempre triste!

Hoje, neste cruel anniversario Toda a recordação me é dolorosa; Banha-me a face o pranto da saudade E a élvo a prece fervorosa.

E por elle, meu Deus, qu'eu te supplico, No meio do sertão, em noite escura.... Oh dá-lhe o cubicado ethereo assento, Dá-lhe a teus pés—dos justos a ventura!

Um dia deporei da vida o peso..... Em teu seio recebe o pobre crante! Qu'eu possa ver o pai que mais não vejo A luz do teu olhar meu Deus, consente!

Pantanaes do Rio-Negro — 1866 — Agosto. 12.

Mercurio.

A' meu amigo o Sr. J. I. S.

MOTTE.

*A sympathica belleza
Tem poder quasi divino
Colcheias.*

I

E' typo de singeleza,
Encanta, fere e maltrata,
Com um sorriso nos mata
— A sympathica belleza ;
Na meiguice, que fineza !
O seu olhar vale um hymno,
Seu amor tão puro e dino,
Nos encanta o coração,
E no arroubo da paixão
— Tem poder quasi divino.

São dous astros luminosos
Os teus olhos seductores.

II

Os teus olhos tão fôrmosos
Que gerão ardente amor,
Tem do céo alto valor
— São dous astros luminosos ;
Elles mostram amorosos,
Da tua alma as lindas flores
E nos fallão dos olôres
De teu seio de creança...
Ai ! são da côr da esp'rança
— Os teus olhos seductores.

III

Sem serem de amor vaidosos,
Nem de fingida attracção,
Fallão bem ao coração
Os teus olhos luminosos ;
Eloquentes, nunca irosos
De teus annos nos verdores,
Nelles se lêem os primores,
Occultos sem intenção,
Fallão com terna expressão
Os teus olhos seductores.

Da morena côr mimosa,
Que feitiços não contém !.

IV

Inda mais que a casta rosa
Tem perfume e primor,
Tem mais promessas de amor,
Da morena côr mimosa...
Qual sempre-viva donosa,
Não perde o brilho que tem ;
Nãe perde, que de Deus vem
E Elle a fez para a mais bella,
Essa côr nas faces d'ella,
Que feitiços não contem !.

21 de Outubro de 1877

R. C.

INEDITORIAL.

Isto não offende.

Como obtive o Revm. Sr. Padre Sampaio, copia de um officio da Presidencia ao subdelegado do Livramento, tendo sido portador

o mesmo Reverendo, que desde que chegou áquella localidade tem mostrado aos seus amigos ?

Um leitor sagaz da Variedade do «Porvir» de 14 de Novembro ultimo.

Amo de preferencia o alecrim,
Sem me esquecer do gyrasol;
Sectario fiel da mangerona,
E' sempre aconito o meu sol.
Livramento II de Dezembro 1877.

O Taripies.

Ao publico.

Rogo á illustre redacção do *Porvir* mandar publicar estas toscalinhas nas columnas de seu conceituado jornal.

Com a publicação da seguinte felicitação, só tenho um dever a cumprir, que é uma satisfação ao publico sensato ; e nada mais.

Não sei á quem devo attribuir o rediculo que se me fizeram no ultimo n.º deste periodico com a celeberrima epigraphe — CYNISMO: é provavel que o autor, á não ser um inimigo gratuito, não tivesse consciencia do que escreveu.

Se apenas for meu inimigo e punzesse mesmo ridicularisar-me, não pôde a minha honra ser offendida, por quem mettido no escondrilho imperceptivel, com a capada anonymo, entente manchar a reputação de quem soube sempre respeitar ás leis patrias e á sociedade em geral.

Sophismem como quizer : — Faldador da liberdade e catastrophe, que neste sentido quando m'as tivess: dito : *libertador da Liberdade e catastrophe*, não me mortificaria, porque os sabios emão quanto mais um como eu que não cursei em academia alguma.

Dizia Jorge Herbert : « Mal dos necios se os sabios não emãss : e Continúa, Sr. desconhecido, a pescar em aguas turvas, que têm bomestipenpio brevemente.

Cuyabá 28 de Novembro de 1877
Firmino Rodrigues Ramos.

Eis a minha felicitação :

Senhores. Eis a final restituído aos lares patrios, o eminente e fallaz ; o venerando modelo dos paizes de familia ; o virtuoso esposo e devotado amigo ; o sincero correligionario ; o protector da misera escravidão ; o amparo dos desvalidos ; o distincto e benemerito chefe do grande e patriotico partido liberal, sob cujo desfraldante es-

tandarte nos alistamos, militamos, e morremos firmes em nosso posto de honra.

E' chegado o illustre Barão d'Aguapehy, esse conjuncto de tão distinctas qualidades : saudemo-lo, pois, senheras, e saudemo-lo com o maior jubilo ; porque apenas tributamos um voto de gratidão ao infatigavel faldador da liberdade.

Saudamo-lo pela sua feliz viagem, depois de tão longa e impaciente ausencia ás longinquas plagas de alem-mar. Agora, Srs., que achamos reunidos em massa popular e identificados todos num só pensamento, felicitamo-nos por tão plausivel motivo, e rendamos graças á Divina Providencia por nos haver restituído á salvamento o venerando chefe democratico, alvo das nossas sympathias em quem tudo confiamos como o depositario dos nossos mais sagrados direitos e que tão protracta e acertadamente nos tem guiado para o desfecho glorioso das nossas lisonzeiras esperanças á prol da patria sacrificada e ludibriada.

Lutemos, lutemos sem cessar, que o dia faustoso hade raiar infallivelmente, porque á elle nos approximámos : cada vez mais é um axioma.

Não esmoreçamos, não Ss; ; tenhamos fé que a catastrophe está imminente, como a rapidez electrica retumba á inesperadamente o écho de terremoto ao acaso, onde se envolverá para sempre nas névas melonhas e horripilantes, a tão fallaz quão desastrosa aurota da regeneração, e se ainda, como de Nero e outros tyrannos, á contemporisar a historia, ahí será escripta com caracteres de sangue em pagina negra, — para maior ludibrio de nossos filhos, á quem não podemos poupar as fataes circumstancia desta nefanda situação. Resta-nos porem, o consolo de que, longa de cooperarmos para esta devastadora degeneração que tem assolado o paiz, desde o fatal 16 de Julho, combatemos e combatemos até vencer.

Talvez estas demonstrações sirva de odio nos ambiciosos antagonistas; porem, senhores, são palavras genuinas d'alma e do coração.

Viva a nossa santa Religião.

Viva o Ex.º Barão de Aguapehy.

Viva o partido liberal.